



A CUMPLICIDADE ENTRE AS MULHERES NAS *VIDASE RAZOS* DO CANCIONEIRO OCCITANO

LA COMPLICITÉ ENTRE LES FEMMES DANS LES *VIDASE T* *RAZOS* DU CHANSONNIER OCCITAN

MARCELLA LOPES GUIMARÃES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RESUMO

O artigo tem por objetivo reunir elementos de uma sociabilidade poética entre *trobairitz* eivada de intimidade e cumplicidade, a partir da leitura dos textos em prosa – *vidas* e *razos* – consignados em uma vintena de cancioneiros do domínio linguístico occitano. Essas narrativas foram concebidas posteriormente à produção poética dos poetas e têm como fonte principal os próprios poemas. Portanto, da poesia às *vidas* e *razos*, as mulheres parecem ter se protegido da inconstância dos homens, parecem ter se ajudado, disputado a atenção e o conselho umas das outras, buscado liberdade para amar e se reconhecido como poetas em diálogo sobre temas que lhes eram caros. As mulheres se procuraram, não se isolaram, muito raramente disputaram um mesmo homem e respeitaram-se. Todos esses elementos de sociabilidade poética podem ajudar a ampliar a nossa compreensão das sociabilidades bem reais antes que a cruzada albigense viesse a alterar todo um modo de viver nas regiões que se comunicavam poeticamente em occitano.

PALAVRAS-CHAVE: *TROBAIRITZ, VIDASE RAZOS, CUMPLICIDADE.*

RÉSUMÉ

L'article a pour but de rassembler les éléments d'une sociabilité poétique entre les *trobairitz*, remplie d'intimité et de complicité, à partir de la lecture des textes en prose – *vidas* et *razos* – inscrits dans une vingtaine de chansonniers occitans. Ces récits ont été conçus après de la production poétique des poètes et ils ont comme source principale les poèmes des *troubadours* et des *trobairitz*. Donc, dès la poésie jusqu'aux *vidas* et *razos*, les femmes poètes se sont protégées de l'inconstance des hommes, elles se sont aidées, elles ont disputés l'attention unes des autres, elles ont demandé du conseil, ont cherché la liberté d'aimer et elles se sont reconnues en tant que poètes en dialogue sur thèmes qui étaient chères à eux. Les femmes poètes se sont cherchées, elles ne se sont pas isolées, très rarement elles se disputaient les mêmes hommes et toujours elles se sont respectées. Tous les éléments de la sociabilité poétique peuvent aider à agrandir notre compréhension des sociabilités réelles avant que la croisade des albigeois ait changé le mode de vivre dans les régions qui se commuquaient poétiquement en occitan.

MOTS-CLÉS: *TROBAIRITZ, VIDASE RAZOS, COMPLICITÉ.*

O QUE SÃO VIDAS E RAZOS?

Vidas e *razos* são textos narrativos em prosa enxertados em uma vintena de cancioneros occitanos, que dão conta de apresentar biograficamente os poetas (*vidas*) e explicar certos poemas (*razos*) compostos por homens e mulheres consagrados ao fazer poético (*trobar*), ou seja, os *troubadours* e as *trobairitz*. Esses textos não foram compostos para a totalidade dos poetas conhecidos. Reunindo as peças dos cancioneros occitanos – cada um compila um número diferente de *vidas* e *razos* –, temos um total de 101 poetas contemplados por essas breves narrativas em prosa. As *vidas* e *razos* são destacadas com a tinta vermelha na página do manuscrito.

Não se conhece o critério que determinou a necessidade desses textos para os 101 poetas. O rei-trovador Afonso II de Aragão (1157-1196) foi biografado em um breve texto, compilado nos manuscritos I e K:

Vida em occitano ¹	Vida em Língua Portuguesa ²
Lo reis d'Aragon, aquel que trobet, si ac nom Amfos; e fo lo premiers reis que fo en Arragon, fils d'En Raimon Berrengier, que fo coms de Barsalona, que conques lo regissme d'Arragon e'l tolc a Sarrazins. Et anet se coronar a Roma; e quant s'en venia, el mori en Poimon, al borc Sainz-Dalmas. E so fils fo faiz reis, Amfos, qe fo paire del rei Peire, lo qual fo paire del rei Jacme.	O rei de Aragão, aquele que foi poeta, tinha por nome Afonso, e foi o primeiro rei de Aragão ³ . Filho do senhor Raimundo Berengário, que foi conde de Barcelona, o que conquistou o reino de Aragão tomado aos sarracenos ⁴ . Este se foi coroar em Roma ⁵ e, quando voltava, morreu no Piemonte, no burgo de São Dalmácio. Seu filho foi feito rei Afonso, que foi pai do rei Pedro, o qual foi pai do rei Jaime ⁶ .

Afonso II foi um trovador e um grande protetor de trovadores. Mas sua biografia nem traz informações sobre o fazer poético, nem o apresenta como protetor de poetas. Essas informações aparecem espalhadas nas biografias de outros trovadores. No texto, aborda-se a sua linhagem.

Por outro lado, um jogral, como Gaucelm Faidit (... 1172-12037...), pôde não só ter uma biografia mais extensa que o rei, como ser contemplado em detalhes de sua “carreira” como poeta. A biografia de Faidit foi compilada em mais cancioneros que o rei de Aragão: manuscritos A,B,I,K, E, N², R, a, a^{II}, ρ.

1 A partir da edição de BOUTIÈRE, Jean, SCHUTZ, A.-H. *Biographies des troubadours. Textes provençaux des XIII^e et XIV^e siècles*. Édition refondue, augmentée d'une traduction française, d'un appendice, d'un lexique, d'un glossaire et d'un index des termes concernant le 'trobar' par Jean Boutière avec la collaboration de I.-M. CLUZEL. A.-G. Nizet: Paris, 1964. P. 525.

2 Todas as traduções das *vidas* e *razos* são de minha lavra.

3 Porque seu pai, Raimundo Berengário IV, foi príncipe. Sua mulher Petronilha é que foi sempre nominada rainha.

4 O que não é verdadeiro, pois Raimundo Berenguer IV casou-se com a herdeira de Aragão, Petronilha.

5 Na verdade, fora encontrar-se com o imperador Frederico Barba Ruiva.

6 A linhagem está corretamente disposta: Raimundo Berengário IV → Afonso II (o trovador a que se refere a *vida*) → Pedro II de Aragão, morto em Muret (1213) → Jaime II de Aragão, cognominado O Conquistador.

7 As reticências significam que sobram imprecisões.

Vida em occitano ⁸	Vida em Língua Portuguesa
<p>Gauselms Faiditz si fo d'un borc que a nom Userca, que es el vesquat de Lemozi, e fo filz d'un borges. E cantava peiz d'ome del mon; e fetz molt bos sos e bos motz. E fetz se joglars per ocaison qu'el perdet a joc de datz tot son aver.</p> <p>Hom fo que ac gran larguesa; e fo molt glotz de manjar e de beure; per so venc gros oltra mesura.</p> <p>Molt fo longa saiso desastrucs de dos e d'onor a prendre, que plus de vint ans anet a pe per lo mon, qu'el ni sas cansos no eran grazidas ni volgudas.</p> <p>E si tolc moiller una soldadera qu'el menet lonc temps ab si per cortz, et avia nom Guillelma Monja. Fort fo bella e fort enseingnada, e si venc si grossa e si grassa com era el. Et ella si fo d'un ric borc que a nom Alest, de la marca de Proenssa, de la seingnoria d'En Bernart d'Andussa.</p> <p>E missers lo marques Bonifacis de Monferrat mes lo en aver et en rauba et en tan gran pretz lui e sas cansos.</p>	<p>Gaucelm Faidit foi de um burgo chamado Uzerche, que se situa na diocese de Limoges. Ele foi filho de um burguês. Ele cantava pior que qualquer homem no mundo, mas fez boas melodias e bons poemas. Fez-se jogral porque perdeu todos os seus haveres no jogo de dados. Foi homem de grande largueza e foi muito glutão de comer e beber, tornando-se assim excessivamente gordo.</p> <p>Durante muito tempo, foi desventurado, não recebendo dons, nem honra; ao longo de mais de vinte anos andou a pé pelo mundo e suas cantigas não eram bem acolhidas nem apreciadas. Tomou por mulher uma soldadeira⁹ que ele levou por muito tempo em várias cortes, de nome Guilherma Monja. Era bela e cultivada, mas se tornou gorda e grande, como ele era. E ela era de um rico burgo chamado Alès, da marca da Provença e do senhorio do senhor Bernart de Anduze.</p> <p>E o monsenhor marquês Bonifácio de Monferrato lhe proveu em haveres e roupas e lhe valorizou, bem como às suas cantigas.</p>

Traço comum a quase todas as biografias: a procedência geográfica e social do trovador. Também as vicissitudes que fizeram o poeta tornar-se jogral comparecem à segunda biografia em que o elemento enredo sobressai mais. A *vida* de Faidit desenvolve uma trama em um espectro temporal largo: fala de suas dificuldades para se estabelecer como trovador e jogral, do casamento e da proteção recebida finalmente.

A consideração compartilhada em um contexto da abundância de informações sobre um grande senhor seria um critério para ele não ter recebido uma biografia como poeta? Quem determinou a necessidade? O comitente dos cancioneros? O protetor de trovadores Afonso II de Aragão recebeu uma biografia que aborda a sua linhagem, os “leitores” a haviam esquecido? Quem precisava ser lembrado? O rei e trovador Ricardo Coração de Leão não foi jamais biografado... Por quê? O fato é que sobram conjecturas em relação aos critérios para que um poeta fosse distinguido com uma narrativa biográfica de apresentação.

Os cancioneros occitanos reúnem seleções: de poetas, da sua poesia, de biografias e explicações, realizadas a partir de critérios pouco claros para nós, distantes do

8 BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 167.

9 BSC traduziram *soldadeira* como “mulher de má vida”. Entretanto, o que se pode afirmar, para além do juízo temeroso da sedução dessas mulheres no medievo..., é que acompanhavam os jograis na performance e que recebiam por isso, daí soldadeiras (que vive de remuneração diária), que recebiam pagamento por serviço prestado.

Em uma *razo*, Elias d'Usel menciona um filho do trovador com Guilherma Monja.

Ramón Menéndez Pidal lembra que “as soldadeiras aparecem nas ordenanças dos palácios dos séculos XIII com ofício análogo aos dos jograis” - PIDAL, Ramón Menéndez. *Poesía juglaresca y juglares. Aspectos de la Historia Literaria y cultural de España*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1962. p. 31.

contexto de realização desses verdadeiros monumentos funerários. Os cancioneros occitanos preservam a memória de um mundo e de uma maneira de viver que foi abalada decisivamente pela Cruzada Albigense. No conjunto dessas escolhas, entretanto, as mulheres também tiveram a sua poesia, *vidas* e *razos* reunidas e preservadas. Foram oito as trobairitz biografadas na vintena de cancioneros que compreendem esses textos narrativos em prosa:

Trobairitz	Contexto aproximado	Região de natura
Maria de Ventadorn	final do século XII e início do XIII	Aquitânia
Iseut de Chapieu e Almois de Châteauneuf	fim do século XII e início do XIII	Languedoc
Azalaïs de Porcairagues	... 1173...	Languedoc
Condessa de Dia	final do século XII ou início do XIII	Provença
Casteloza	1ª metade do século XIII	Auvergne
Lombarda	1ª metade do século XIII	Languedoc
Tibors	início do século XIII?	Provença

Nenhuma trovadora da Catalunha ou da Itália, pelo menos na reunião realizada pelos cancioneros occitanos. Isso não significa obviamente que não houve mulheres poetas nessas regiões.

A INDIVIDUALIZAÇÃO DAS MULHERES NAS VIDAS

Na região do primeiro trovador conhecido, Guilherme duque da Aquitânia e conde Poitiers, a trobairitz Maria de Ventadorn recebeu uma *razo* que, entretanto consigna elementos biográficos. A *razo* está compilada no manuscrito H, cancionero realizado na Itália entre os séculos XIII e XIV 10.

<i>Razo</i> em occitano ¹¹	<i>Razo</i> em Português
Ben avetz auzit de ma dompna Maria de Ventadorn com ella fo la plus prezizada dompna qe anc fos en Lemozin, et aquela qe plus fetz de be e plus se gardet de mal. E totas vetz l'ajudet sos senz, e follors no'ill fetz far follia. Et onret la Deus de bel plazen cors avinen, ses maestria. En Guis d'Uisels si avia perduda sa dompna, si com vos avetz ausi[t] en la soa canson qe dis: Si be'm partez, mala dompna, de vos;	Bem escutastes sobre madame Maria de Ventadorn como ela foi a mais estimada entre as damas do Limousin, aquela que mais fez o bem e mais se resguardou do mal. Em todas as vezes, ajudou-lhe a sua razão, e a loucura não lhe fez cometer ato impensado. E Deus a honrou com um gentil e alegre meneio, sem artifício. O senhor Gui d'Ussel havia perdido a sua dama, como haveis ouvido na canção que diz:

10 Entrada para o cancionero digitalizado: <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3207> acesso em 26 de junho de 2021. A *razo* está no fólho 53r.

11 BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 212 e 213.

<p>don el vivia en gran dolor et en gran tristessa. Et avia lonc tems q'el no avia chantat ni trobat; don totas las bonas dompnas d'aqella encontrada n'eron fort dolentas, e ma dompna Maria plus qe totas, per so q'En Guis d'Uisels la lauzava en totas sas cansos. E'l coms de la Marcha, lo cals era apellatz N'Ucs lo Brus, si era sos cavalliers, et ella l'avia fait tant d'onor e d'amor com dompna pot far a cavalier.</p> <p>Et, un dia, el dompnejava com ella, e si ag[r]on una tenson entre lor: qe'l coms de la Marcha dizia qe totz fis amaire, pois qe sa dompna li dona s'amor n'l pren per cavalier ni per amic, tant com el es leials ni fis vas ella, deu aver aitan de seignoria en ella e de comandamen com ella de lui; e ma dompna Maria defendia qe l'amic[s] no devia aver en ella seignoria ni comandamen. En Guis d'Uisels si era en la cort de ma dompna Maria; et ella, per far lo tornar en cansos et en solatz, si fetz una cobla en la cal li mandet si se convenia qe l'amics ages aintant de seignoria en la soa dompna com la dompna en lui. E d'aqesta rason ma dompna Maria si l'escomes de tenson e dis enaissi:</p> <p style="text-align: center;">Gui d'Uisel, be'm pesa de vos.</p>	<p>Se bem me afastais de vós, dama cruel...</p> <p>Assim vivia ele em grande dor e grande tristeza. E havia um longo tempo que ele não cantava nem compunha; disso, todas as boas damas daquela região eram muito aflitas e madame Maria, mais que todas, porque Gui d'Ussel a louvava em todas as suas cantigas. E o conde da Marca, que se chamava senhor Ugo lo Brus era seu cavaleiro e ela lhe havia concedido tanta honra e amor quanto uma dama pode fazer a um cavaleiro.</p> <p>Um dia em que ele lhe fazia a corte, surgiu uma questão entre eles: o conde da Marca dizia que todo amante fiel, no momento em que a dama lhe dava seu amor e o tomava por cavaleiro e amigo, tanto quanto ele fosse leal e fosse fiel, devia ter suserania e autoridade sobre ela; e madame Maria defendia que um amigo não devia ter sobre ela nem suserania, nem autoridade.</p> <p>Ora, o senhor Gui d'Ussel estava na corte de madame Maria e ela, para fazê-lo voltar à poesia e ao prazer, fez-lhe uma cobla na qual lhe perguntou se era conveniente que o amigo tivesse tanta suserania sobre a dama quanto a dama sobre o amigo. E sobre essa razão madame Maria o desafiou com uma tensão em que diz:</p> <p style="text-align: center;">Gui d'Ussel, bem me aflijo por vós.</p>
--	--

Nessa *razo* são compilados os elementos que os biógrafos costumam consignar sobre os trovadores em geral, quer tenham sido homens quer tenham sido mulheres, em *vidas* e *razos*: vinculação de natura a uma região e traços individualizantes de dois tipos. No caso, sobressaem as virtudes da dama. Mas não há um elogio particular ao seu trobar. Há o reconhecimento de uma superioridade no grupo social a que pertence. Outras damas também foram distinguidas pela superioridade em um campo, então de certa forma é possível imaginar que, na composição da individualidade, comparece a partilha de um elemento elevado. Mas em todas há também traços mais distintivos (de um conjunto que não varia muito) que identifica um indivíduo. O “indivíduo” escrito é assim o que ele partilha com o grupo e o conjunto *idem* e *ipse*¹², e tudo isso colabora para o desenho da identidade do personagem. Sim, porque embora essas mulheres e homens consagrados à poesia tenham existido, nas suas

¹² *Idem* e *ipse* são decerto diferentes, mas se tocam e se sobrepõem. A primeira se aproxima do caráter: “conjunto de marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo”, a “mesmidade da pessoa”. Que elemento distinguiria (mesmo que cheio de aporias...) a gêmea *ipse*? O tempo, mas não por sua presença ou ausência, afinal no caráter reconhecemos “o conjunto de disposições duráveis *pelas quais* se reconhece uma pessoa”. Existe uma outra permanência no tempo: a da “palavra cumprida na fidelidade à palavra dada”, uma escolha. Aqui, a ipseidade se descola de sua gêmea *idem*. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

biografias e *razos* de sua poesia, eles são personagens de um enredo em cuja trama se entremeia a sua própria poesia.

Aron Gourevich afirmou que “o indivíduo medieval está inserido em um macrocosmo social por intermédio de micro grupos (...). Cada grupo é regido por valores determinados, em parte próprios ao microcosmo social dado, em parte comuns aos numerosos grupos (...)”¹³, a iniciação a esses valores e sua assimilação faria do indivíduo uma pessoa¹⁴. No interior do grupo, o indivíduo encontraria a sua originalidade. Assim, para a biografia das poetas, o biógrafo dispõe de características reconhecíveis no grupo de altas senhoras (poetas e/ou protetoras da poesia). Ele as seleciona para a configuração da identidade do personagem. As características físicas (bem generalistas) e psicológicas (mais singulares) que são inscritas nas biografias são o resultado de uma mediação entre o grupo e o indivíduo, com o qual ele partilha determinados traços e é singularizado por outros, ainda que previsíveis no universo do qual ele ou ela fazem parte.

O que desenha a identidade de Maria de Ventadorn? O seu mais e melhor entre as pares, a disposição para a conversação poética e o teor “libertário” que propõe na disputa com o amado e em que busca o arbítrio de um outro homem (que concorda consigo). Maria disputa com o Conde da Marca, manifesta-se e propõe a Gui d’Ussel o tema. O tema se desdobra em tensó. O que está em jogo? O direito do homem de ter a suserania sobre a mulher que ele ama. O que individualiza Maria? Sua atitude. No cancionero occitano, a explicação da poesia de Maria, Lombarda, Iseut de Chapieu, Almois de Châteauneuf e Tibors é parte integrante da biografia da trobairitz, o que nem sempre acontece com os homens. A poesia funciona como um elemento de individualização, junto à atitude da trovadora.

A *vida* da trobairitz Tibors também foi compilada no cancionero H15:

<i>Vida</i> em occitano ¹⁶	<i>Vida</i> em Língua Portuguesa
Na Tibors si era una dompna de Proensa, d’un castel d’En Blancatz qe a nom Sarenom. Cortesa fo et enseignada, avinens e fort maïstra; e saup trobar. E fo enamorada e fort amada per amor, e per totz los bons homes d’aqela encontrada fort honrada, e per totas las valens dompnas mout tensuda e mout obedida.	Senhora Tiburge era uma dama da Provença, de um castelo do senhor Blacatz, de nome Seranon. Foi cortês e cultivada, graciosa e muito sábia, e soube compor. E foi enamorada e muito amada por amor, e por todos os homens bons daquela região foi fortemente honrada e por todas as nobres damas, muito disputada e obedecida. E fez essas coblas que mandou a seu amado:

¹³ GOUREVITCH, Aron. *La Naissance de l’individu dans l’Europe Médiévale*. Traduit du russe par Jean-Jacques Marie. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Seuil, 1997. p. 115

¹⁴ Idem.

¹⁵ Fólio 45 r.

¹⁶ BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 498.

<p>E fetz aquestas coblas e mandet las al seu amador:</p> <p>Bels dous amics, ben vos puosc en ver dir Qe anc no fo q'eu estes ses desis, Pos vos conuc [ni]'us [pris] per fin aman; Ni anc no fo q'eu non agues talan, Bels douz amics, q'eu soven no'us veses, Ni anc no fo sasons qe m'en pentis; Ni anc no fo, si vos n'anes iratz, Q'eu agues joi, tro qe fozetz tornatz; Ni anc...</p>	<p>Belo e doce amigo, bem vos posso em verdade dizer Que nunca aconteceu que eu estivesse sem desejo, Depois de vos conhecer e de vos tomar por fiel amante, Nem nunca que eu estivesse sem vontade, Belo e doce amigo, de sempre vos ver, Nem nunca que tivesse ocasião de me arrepender, Nem nunca, se vos partísseis irado, Que eu tivesse alegria, até serdes tornado, Nem nunca...</p>
--	---

Meg Bogin reúne estudos e propõe que a *trobairitz* seja irmã do célebre trovador Raimbaut de Orange e esposa de um grande protetor de poetas, o senhor Bertrand de Baux¹⁷. Essa *vida* reúne elementos reconhecíveis em outras: procedência, características individuais, relações sociais estabelecidas e excerto de poesia. Ao “mais e melhor” da biografia de Maria de Ventadorn, talvez corresponda “por todas as nobres damas, muito disputada e obedecida”. Por disputada, imagino que sua companhia fosse objeto de empenho das outras damas cortesãs e, por obedecida, que sua palavra gozasse de prestígio e primazia no seu meio. O biógrafo preserva uma *cobla* que se remete obviamente ao *fin' amor*. Ressalto o detalhe de o biógrafo de Tibors não chamar o poema de cantiga, a forma mais elevada da poesia dessa tradição poética, mas simplesmente *cobla*. O biógrafo também alude a *coblas* no caso da inserção da poesia de Lombarda na sua biografia. Nenhuma relação com um pretense desprestígio pela poesia das mulheres, afinal na biografia de Casteloza, o mais elevado gênero é citado duas vezes. Ou seja, mulheres disputam e fazem cantigas. Existe sim, por parte do biógrafo, o domínio da tradição, a consciência dos gêneros partilhados da poesia trovadoresca, o que faz pensar que biografias e explicações propõem guias de leitura das poetisas e dos poetas.

Mas nem todas as poetisas receberam *vidas* ou *razos*, caso idêntico aos trovadores. Pouco sabemos de Alamanda ou de Isabella, sabemos delas pelas tensões dos trovadores que com elas trocaram poeticamente. Clara de Anduza é nomeada em uma *razo* de Ugo de Saint Circ. Garsenda foi a esposa de um irmão do rei Afonso II de Aragão. Mas ainda existem outras que não foram jamais nomeadas por outros ou de quem se perdeu o rastro familiar e linhagístico. Só temos mesmo a sua poesia, caso de Alais, Iselda e Carencia, das anônimas e da curiosa e excelente Bieiris de Romans,

17 BOGIN, Meg. *Les femmes troubadours suivi de poèmes traduits de la langue d'oc par Jeanne Faure-Cousin*. Paris: Editions Denoël/Gonthier, 1978. p. 83.

cujo poema conservado é o caso único no cancionero occitano de um poema de amor, do fin'amor, consagrado a uma mulher.

A CUMPLICIDADE NO ENREDO

Abro o segmento com o documento que me despertou para a cumplicidade entre as mulheres no cancionero occitano.

<i>Razo</i> em occitano	<i>Razo</i> em Português
N'Iseuz de Capiieu si preget ma dompna Almue[i]s de Castelnou q'ela perdones a 'N Gigo de Tornen, q'era sos cavaliers et avia faich vas ella gran faillimen e non s'en pentia ni non demandava perdon:	Dama Iseut de Chapieu pediu à dama Almois de Châteauneuf que ela perdoasse ao senhor Gui de Tournon, que era seu cavaleiro e havia cometido grande falta e não se arrependia nem pedia perdão:
Dompna N'Almue[i]s, si'ous plages, Be'us volgra prejar d'aitan: Qe l'ira e'l mal talan Vos fezes fenir merces De lui, qe sospir' e plaign E muor languen e's complaing E qier perdon humilmen; Qeus fatz per lui sagramen, Si tot li voletz fenir, Q'el si gart meils de faillir.	Dama Almois, se vos apraz, Bem vos queria pedir assim: Que à ira e ao mau sentimento Vós fizésseis perdoar com pena Dele, que suspira e geme E muito sofre e lamenta E quer perdão humildemente. Que eu vos faço por ele juramento Se tudo quereis terminar, Que ele se resguarde melhor de falhar.
E ma dompna N'Almue[i]s, la cal's volia ben a 'N Gigo de Torna, si era moult dolenta, car el non demandava perdon del faillimen; e respondet a ma dompna N'Iseuz si com diç aqesta cobla:	E madame Almois, que queria bem ao senhor Gui de Tournon, e estava muito doente, pois ele não pedia perdão pela falha, respondeu à dama Iseut com o que diz esta cobla:
Dompna N'Iseuz, s'ieu saubes Q'el se pentis de l'engan Q'el a fait vas mi tan gran, Ben fora dreichz q'eu n'agues Merces; mas a mi no's taing, Pos qe del tort no s'afraing Ni's pentis del faillimen, Qe n'aia mais chausimen; Mas si vos faitz lui pentir, Leu podes mi convertir.	Dona Iseut, se eu soubesse Que ele se arrepende do engano Que ele fez contra mim tão grande, Bem seria direito que eu tivesse Piedade, mas a mim não me convém, Pois que do mal não se dobra Nem se arrepende da falha. Que eu não tenha clemência. Mas se vós lhe fazeis se arrepender, Facilmente posso me converter.

Na verdade, o documento acima é uma *razo* que reúne duas trovadoras, compilada em dois manuscritos: H18 e x. Trata-se de uma explicação em forma de conversa poética. O que está em jogo pelo que se entrevê na conversa? O perdão para um homem que agiu mal: o perdão para o senhor Gui de Tournon. O biógrafo não se preocupou em fixar a memória da má ação. O que lhe interessou foi

18 A *razo* está nos fólhos 45v e 46r.

simplesmente a menção. Como o amor guia o canto para vários biógrafos do cancionero occitano, o homem e o seu mal agir são um mote. Subjacente à rusga entre o casal, talvez esteja o pedido de intermediação dele junto à “advogada” de sua causa, a dama Iseut de Chapieuf, porque ele não parece interessado em pedir perdão diretamente à dama Almois de Châteauneuf. Iseut está disposta a empenhar sua palavra na causa do outro. Como Almois de Châteauneuf responde à sua interlocutora poética? Repisa a impenitência do amado em um primeiro momento, mas – o que é essencial para minha proposta – aceita o empenho da altercadora. O eu poético de Almois de Châteauneuf não finge acreditar que o homem está arrependido, mas crê no poder de Iseut de Chapieuf para demover a segunda má conduta, ou seja, não se arrepender. É uma troca entre mulheres, elas conversam poética e intimamente sobre um homem que não se emenda e Iseut não parece estar disposta a defender Gui de Tournon por ele mesmo, mas pelo amor de Almois de Châteauneuf. Ambas estão diante de um homem orgulhoso, que sofre e que, com tudo isso, depende de uma mulher para o “resgate” da sua condição de amante. A poesia é uma via de diálogo e talvez de solução concebida entre as mulheres que partilham uma intimidade em palavras.

O tema do erro dos homens surge em muitas outras *razos* em que, na maior parte das vezes, a constância deles naufraga. Na *vida* de Ricardo Berbezieux¹⁹, de Saintonge, da diocese de Saintes, “bom cavaleiro de armas e homem bem-apegoado”²⁰, o biógrafo defende a fidelidade do trovador à mulher do senhor Jaufre de Tonnay, valente barão; “a dama era gentil e bela, e alegre e prazenteira, e muito desejosa de valor e honra, filha do senhor Jaufre Rudel, príncipe de Blaye”²¹. Provavelmente, descendente do poeta da dama distante. Na *vida*, só essa dama inspira o canto. Entretanto, na *razo* da célebre cantiga “Atressi com l’orifanz”, compilada em cerca de vinte cancioneros e de que se conservou a melodia, a inconstância do cavaleiro é aludida, bem como a mediação para o perdão.

<i>Razo</i> em occitano	<i>Razo</i> em Português
Ben avetz entendut q̄i fo Ricchautz de Ber[be]siu et com s’enamoret de la molher de Jaufre de Ta[o]nay, q’era bella et gentils et joves; et volia li ben outra mesura, et apellava la “Mielz-de-Dompna”, et ella li volia ben cortesamen. Et Ricchaut[z] la pregava q’ella li degues far plaser d’amor, et clama[va] li merce. Et la dompna li respondet q’ella volia volentier far li plaser d’aitan qe li fos onor; et dis a Ricchaut qe, s’el li volges lo ben q’el dixia, q’el non deuria voler q’ella l’en dixes plus ne plus li fezes con ella li fazia ni dizia.	Bem haveis entendido quem foi Ricardo de Berbezieux e como se enamorou da mulher de Jaufre de Taonay, que era bela e gentil e jovem; e queria bem a ela além da medida, e a chamava de “Dama mais notável” e ela lhe queria bem cortesmente. E Ricardo lhe pedia que lhe fizesse prazer [em direito] de amor, e lhe pedia por mercê. E a dama lhe respondia que ela queria voluntariamente lhe agradar no limite da sua honra e disse a Ricardo que, se ele lhe queria o bem que dizia, que ele não devia

19 Também identificado como Rigaut de Barbezieux.

20 BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 149.

21 Idem.

<p>Et aisi [e]stan et duran la lor amor, una dompna d'aqella encontrada, castellana d'un ric castel, si mandet per Ricchaut; et Ricchautz si s'en anet ad ella. Et la dompna li comencet a dir con ella se fasia gran maravilha de so q'el fasia, qe tan lonj[a]men avia amada la soa dompna, et ella no'l avia fait null plaser en dreit d'amor; et dis q'En Ricchaut[z] era tal hom de la soa persona et si valentz qe totas las bonas dompnas li deurion far volentier plazer; et qe, se Ricchaut[z] se voli partir de soa dompna, q'ella li faria plaser d'a[i]tan com el volgues comandar, et disen autresi q'ella era plus bela dompna et plus alta qe non era aqella en qi el s'entendia.</p> <p>Et aven[c] aisi qe Ricchautz, per las granz promessas q'ella li fazia, qe'll dis q'el s'em partria. Et la do[m]pna li commanda q'el anes penre connjat d'ella et [dis] qe nul plazer li faria, s'ella non sa[u]bes q'el s'en fos partiz. Et Ricchautz se parti et venc se a sa dompna en q'el s'entendi; et comenset li a dir com ell l'avia amada sobre totas las autras dompnas del mon, et mais qe si meseis, et com ella no li volia aver fach nul plazer d'amor, q'el s'en volia partir de leis. Et ella en fo trista et marrida, et commenset a pregar Ricchaut qe non se degues partir d'ella; et, se ella per temps passat non li avia fach plazer, q'ella li volia far ara. Et Ricchautz respondet q'el si volia partir al plus to[s]t; et enaisi s'en parti d'ella.</p> <p>Et pois, qant el ne fo partiz, el se venc a la donna qe.l n'avia fait partir, et dis li com el avia fait lo sieu comendement et com li clamava merce, q'ella li degues complir tot so q'ella li a[c] promes. Et la dompna li respondet q'el non era hom qe neguna dompna li degues ni far ni dir plazer, q'el era lo plus fals hom del mon, qant el era partiz de sa dompna, q'era si bela et si gaia et qe.l volia tant de be, per ditz d'aucuna outra dompna; et si com era partiz d'ella, si se partria d'otra. Et Ricchautz, qant auzi so q'ella dizia, si fo lo plus trist hom del mon e.l plus dolenz qe mais fos. Et parti se, el volc tornar a merce de l'otra dompna de prima; ne aqella no.l vol[c] retenir; don ell, per tristessa q'el ac, si s'en anet en un boschage et fet[z] se faire una maison et reclu[s] se dinz, disen q'el non eisseria mais de laienz, tro q'el non trobes merce de sa dompna; per q'el dis en una soa chanson:</p>	<p>querer que ela lhe desse nem fizesse mais que ela fazia e dizia.</p> <p>Assim estava e durava o seu amor, quando uma dama daquela região, castelã de um rico castelo, requisitou a presença de Ricardo e ele se foi para junto dela. E a dama começou a dizer-lhe como ela se maravilhava do que ele fazia, que tão longamente amasse sua dama e ela nunca lhe havia concedido prazer em direito de amor. E disse que o senhor Ricardo era um tal homem de sua pessoa e tão valente que todas as boas damas lhe dariam voluntariamente prazer e que, se Ricardo quisesse partir de sua dama, que ela lhe concederia tudo o que ele quisesse pedir. Ela disse também que ela era a mais bela dama e mais alta que aquela com que ele se entendia.</p> <p>E aconteceu que Ricardo, pelas grandes promessas que ela lhe fazia, disse-lhe que ele se partiria da outra. E a dama lhe ordenou que ele fosse pedir licença dizendo que nenhum prazer ela lhe faria até que ela soubesse que ele partira da primeira. E Ricardo partiu e se foi para a dama com quem se entendia primeiro e começou a dizer que ele a havia amado sobre todas as outras damas do mundo e mais que a si mesmo, e como ela não lhe fazia nenhum prazer [em direito de] amor que ele se queria partir dela. Ela ficou muito triste e aflita com isso e começou a pedir a Ricardo que não se partisse dela e que, se ela não lhe tinha concedido prazer antes, que ela lhe faria agora. E Ricardo respondeu que ele queria partir o mais depressa e assim se partiu dela.</p> <p>Depois, quando ele partiu, ele se foi para a dama que o havia feito partir e lhe disse como ele havia feito segundo sua determinação e como ele clamava mercê para que ela cumprisse tudo o que ela lhe havia prometido. E a dama lhe respondeu que ele não era homem que uma dama devesse dizer ou fazer algum prazer, que ele era o homem mais falso do mundo, pois ele havia se partido de sua dama que era tão bela e tão alegre e que lhe queria tanto bem, por causa do que dissera outra dama. E se ele dela se partia, partiria de outra também. E Ricardo, quando ouviu o que ela dizia, foi o homem mais triste do mundo e o mais infeliz. E partiu-se e quis tornar à mercê da outra dama primeira, mas ela não o quis reter. Pela tristeza que teve, ele se foi para um bosque e lá fez uma casa e se fechou, dizendo</p>
---	--

<p>Mielz-de-Do[m]pna, dons oi fugitz doz anz.</p> <p>Et pois las bonas dompnas eill cavalier d'aqellas encontradas, vezen lo gran dampnage de Ricchaut, qe fu aisi perduz, si ve[n]gen la on Ricchautz era recluz, et pregero lo q'el se deges partir et issir fora. Et Ricchaut[z] disia q'el non se partria mais, tro qe sa do[m]pna li perdones. Et la[s] dompnas e'l cavalier s'en vengen a la domna et pregero la q'ella li degues perdonar[r]; et la dompna lo[r] respondet q'ella non faria ren, tro que .C. dompnas et .C. chavalier, li qual s'amesson tuit per amor, non venguesson tuith devant leis, man[s] juntas, de genolhos, clamar li merce, q'ella li degues perdonar; et pois ella li perdonaria, se il aqest faisian. La novela venc a Ricchaut, don ell fetz aquesta chanson que ditz:</p> <p>At[re]si com l'olifanz Qe, can c[h]ai, no's pod levar Tro qe l'autre, a lor gridar, De lor voz lo levon sus, Es eu voill segre aqel us; Qe mos mes fait[z] es tan greus et pesant[z] [Qe], se la cort del Poi et lo bobanz E los fins prec de[l]s leial[s] amadors No'm relevon, ja mai non serai sors, Que den[h]essen per mi clamar merce Lai on prejars ses merce pro no'm te.</p> <p>Et qant las dompnas et li cavalier ausiren qe podia trobar merce ab sa dompna, se .C. dompnas et .C. chavalier, qe s'amesson per amor, anassen clamar merce a la dompna de Richaut q'ella li perdones, et ella li perdonaria, las dompnas e.l chavalier s'assembleron tuit et anneron et clamaron merce as ella per Ricchaut. Et la dompna li perdonet.²²</p>	<p>que não sairia mais de lá até que encontrasse mercê da sua dama, pelo que ele disse em uma sua cantiga:</p> <p>Dama mais notável, de quem me afastei por dois anos</p> <p>As boas damas e os cavaleiros da região, vendo o grande infortúnio de Ricardo, que estava assim perdido, foram-se onde Ricardo estava recluso e pediram-lhe que partisse e se fosse embora dali. E Ricardo dizia que não se partiria até que sua dama o perdoasse. E as damas e os cavaleiros se foram até a dama e lhe pediram que ela o perdoasse. Ela lhes respondeu que ela não faria isso até que cem damas e cem cavaleiros apaixonados viessem até ela de mãos juntas, de joelhos, clamar-lhe mercê. Ela perdoaria, se assim fizessem. A notícia chegou a Ricardo, que sobre ela fez a cantiga que diz:</p> <p>Assim como o elefante Que, quando cai, não pode se levantar Até que outro, com seus gritos, Com sua voz o socorre, Eu vou seguir esse costume; Que meu mal feito é grave e pesado. Se a corte de Puy²³ e seu fausto E suas finas preces de leal amor Não me relevam, jamais partirei, Que [não] me achem digno de clamar mercê por mim Junto àquela cuja mercê não me alcança.</p> <p>E quando as damas e os cavaleiros ouviram que podiam encontrar mercê junto à dama se cem damas e cem cavaleiros apaixonados fossem clamar mercê à dama de Ricardo que ela o perdoaria, as damas e cavaleiros se juntaram todos e foram e clamaram mercê por Ricardo. E a dama o perdoou.</p>
--	---

O “bem haveis entendido” é um sintagma que estabelece encadeamento de informações. Está claro que o biógrafo se remete a texto anterior. Mas isso não significa que na reunião dos textos não sejam lidas incoerências. É o caso do conjunto concernente a Ricardo de Berbezieux, pois a leitura da *vida* sugere fidelidade à “Dama mais notável” e a *razo* aponta para uma evidente inconstância.

22 Idem, p. 153 a 155.

23 Corte de Puy, “espécie de sociedade poética”, BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 310.

Há muitas formas de interpretar o convite da “castelã de um rico castelo” ao trovador na *razo*... Mas existe uma razão que se repete no contexto. Muitas damas que comparecem ao conjunto de *vidas* e *razos* desejam merecer a poesia. Os biógrafos aludem ao desejo de ser cantada como um traço compartilhado entre as altas senhoras. O que estão dispostas a conceder? Em retribuição ao canto, a proteção, o amor e o prazer em direito de amor. No caso da primeira dama, parece que a proteção fora assegurada e que essa condição mantinha o trovador, afinal “assim estava e durava o seu amor”, ainda que houvesse discrepância entre a expectativa dele e o limite imposto por ela, no caso do prazer em direito de amor. O que de fato a castelã do rico castelo promete ao trovador? A concessão do que ele quisesse pedir. O biógrafo ressalta a condição social “mais alta” desta em comparação à primeira dama, o que sugere a promessa de uma proteção mais larga. Quando o trovador enfrenta a primeira dama, na sequência, ela afirma claramente que se o prazer em direito de amor fosse a condição para a permanência junto dela, ela estaria disposta a rever o limite imposto. Qual é a nossa surpresa? Apesar de tê-la amado “mais que a si mesmo”, ele parte! Então, o amor e o prazer em direito de amor não eram a questão... Mas a surpresa maior não é nossa e sim a do trovador inconstante e cúvido, como ele se revela afinal à castelã. Ela põe a nu a postura leviana do cavaleiro.

Rechaçado pela primeira dama também, para quem já ficara evidente a sua volubilidade, o trovador cumpre o rito do herói cortês desprovido do amor – no caso, da proteção que lhe garante os meios de vida... – ele se afasta do convívio cortês, adentra a floresta, como Tristão, Ivain... Como esses heróis, por sua vez, é agraciado pela mediação de quem se apieda de sua condição. A primeira dama dispõe os requisitos do perdão que são arcados por duzentas pessoas, entre homens e mulheres apaixonados. O poeta colabora com a própria poesia.

Na leitura que sustentamos, é relevante o peso que tem para o trovador, “pobre vavassalo”, segundo informação da *vida*, a proteção da dama. Nesse sentido, a *razo* manifesta o respeito entre as damas: a primeira busca reter o trovador no limite da expectativa dele; a segunda o atrai e o vence, ao revelar-lhe o caráter volúvel. A castelã do rico castelo não disputa com a primeira, aliás, ela defende a primeira dama contra a leviandade do seu cavaleiro.

Outro inconstante é o trovador Gaucelm Faidit. Se na *vida* do trovador, apenas a sua esposa é referida, as *razos* de sua poesia mencionam altas damas a quem a sua obra foi consagrada. Em uma das explicações, o biógrafo do cancionero occitano refere a paixão do trovador por Maria de Ventadorn a quem ele serviu por sete anos²⁴. Nessa *razo*, o trovador dá um ultimato à sua dama, ou seja, reivindica o prazer em direito de amor; do contrário, estava disposto a partir. Madame Maria

24 BOUTIÈRE, SCHUTZ, A.-H., 1964. P. 170 a 173.

confidencia a situação à Madame Audiarde de Malemort, que garante à primeira conseguir livrá-la da pressão feita pelo poeta, sem que ela tivesse de sucumbir a seus apelos ou ser responsável direta pela partida dele. Madame Audiarde atrai o trovador com uma mensagem sobre um pássaro na mão e uma grua [feminino de grou] voadora, dizendo que ela é o pássaro na mão, enquanto a senhora Maria, a grua voadora. Ela o incita a ele mesmo pedir licença para se afastar da dama Maria, colocando essa licença em uma cantiga. Ele faz o que Madame Audiarde de Malemort propõe. A canção é cantada, e Maria de Ventadorn percebe que tudo se passou como as duas combinaram. O trovador vai para junto de Audiarde: “algum tempo depois que esta cantiga tinha sido composta e cantada, Gaucelm Faidit visitou Madame Audiarde com grande alegria, como homem que acreditava ter entrada imediata na câmara e ela o acolheria muito cordialmente”²⁵. Madame Audiarde de Malemort elogia o trovador e revela que as promessas que ela fizera tinham por objetivo tirá-lo da tristeza em que se encontrava tão somente e dessa esperança que ele tinha há sete anos. O trovador se sente traído e enganado, tenta voltar à Madame Maria, mas ela não o aceita de volta.

Em outra *razo*, a cumplicidade se afigura entre a esposa do trovador, Guilherma Monja, e a dama Madame Marguerite d’Aubusson, esposa do Visconde de Aubusson²⁶. O biógrafo do cancionero occitano emprega o mesmo recurso de referência a textos anteriores, estabelecendo inclusive uma linha cronológica entre a decepção auferida pelo trovador pelo serviço amoroso consagrado à Maria de Ventadorn e a nova decepção com Madame Marguerite d’Aubusson. Segundo o biógrafo, depois da primeira decepção, o trovador permaneceu muito tempo triste e aflito até ser atraído pela segunda dama. Esta o fez reencontrar a alegria de cantar. Para os biógrafos do cancionero occitano, é o amor que move os poetas. Madame Marguerite d’Aubusson promete ao poeta conceder-lhe prazer em direito de amor, mas não cumpre o prometido. Em uma ocasião em que o poeta se exaspera e pede autorização para partir, ele ousa um beijo no pescoço da dama, é o único prazer que obtém, o qual ele, entretanto, frui longamente. O obstáculo ao sucesso do trovador é o cavaleiro Ugo de Lusigan, que Madame Marguerite d’Aubusson amava de fato, segundo o biógrafo. Como a dama não conseguia meios de encontrar-se com o cavaleiro, ele se fingiu doente e arquitetou uma peregrinação ao santuário de Santa Maria de Rocamadour. No caminho, dirigiu-se à casa do trovador Gaucelm Faidit, cuja esposa Guilherma Monga acolheu a dama e o cavaleiro Ugo de Lusigan muito bem, e lá os amantes permaneceram juntos ao longo de dois dias. Na volta do santuário, mais dois

25 Idem, p. 172.

26 Idem, p. 180 e 181.

dias, “com alegria e grande prazer”²⁷. Guilherma Monga protege os amantes e, depois de sua partida definitiva, revela ao marido o acontecido.

Outro inconstante do cancionero occitano é o trovador e biógrafo Ugo de Saint Circ. Ele amava a poeta Clara de Anduza, mas a trocou pela Dama Ponsa²⁸. Quando percebeu que agira mal, recorreu a uma amiga da poeta para que ela intermediasse o perdão, como fizera Gui de Tournon junto à Iseut de Chapieu. Mais uma vez, é apenas graças à mediação da amiga que a dama perdoa o “infrator”.

O belicoso Bertrand de Born é, entretanto, confrontado por madame Tiburge de Montausier. Em uma das numerosas *razos* de seu cancionero particular, depois de rechaçado pela dama Mahuet de Montagnac pela suspeita desta de que o trovador amava a dama Guischarde, ele se vai para junto da dama Tiburge de Montausier²⁹. O trovador pede a essa dama para aceitar seu serviço amoroso. O biógrafo faz questão de apontar que Tiburge de Montausier era uma mulher sábia. Com franqueza, ela declara:

Bertrand, eu estou, pelo motivo que vos faz vir até a mim, muito feliz e vejo uma grande honra para mim. Mas, por outro lado, isso me desagrada. Eu vejo uma honra, pois vós vindes me visitar e me pedir que vos tome como cavaleiro e servidor, e me desagrada muito se vós fizestes ou dissesstes alguma coisa para que Madame Maheut o tivesse dado permissão para partir e estivesse irritada convosco. Mas eu sou uma mulher que sabe bem como muda rápido o curso dos acontecimentos entre apaixonados e apaixonadas. Se vós não tivestes cometido falta contra Madame Maheut, eu saberei depressa a verdade e assim eu vos farei retornar à sua graça. Mas se a falta tiver sido vossa, nem eu nem outra dama vos acolherá, nem vos receberá como cavaleiro e servidor.³⁰

Madame Mahuet de Montagnac descobre que Bertrand de Born não havia cometido ato vil e o perdoa. Na *razo*, sobressai, entretanto, a atitude da dama Tiburge de Montausier.

Mas a cumplicidade entre as mulheres não se apresenta apenas no orgulho e na inconstância dos homens. O biógrafo do trovador Pons de Chapeuil afirmou que, enquanto sua senhora – Azalaïs de Mercoeur, mulher do senhor Odilon de Mercoeur e filha do senhor Bernart de Andusa – viveu, o trovador não amou outra e que, depois da morte da dama, ele se tornou um cavaleiro cruzado e morreu distante. Entretanto, em uma de suas *razos*, o biógrafo refere que, vivendo na corte de sua dama, corte essa de belas justas, divertimentos e poesia, o trovador foi tomado por um louco propósito: testar a

27 Idem, p. 181.

28 Idem, p. 244.

29 Idem, p. 81 e 82.

30 Idem, p. 84. Traduzida do francês por mim.

dama, ou seja, se ela de lhe queria bem de verdade³¹. É interessante apontar que o narrador observa que o intento do trovador era atitude de um amante louco que não pode suportar a felicidade, que de repente não é mais capaz de crer nos olhares e doces prazeres que lhe eram outorgados. Na sua sandice, resolve cortejar outras damas para saber se madame Azalaïs se sentiria enciumada. Mas ela não corresponde a essa expectativa... Depois de algum tempo, o trovador percebe o engano em que se pôs e pede perdão, chega a pedir que a dama tomasse alguma vingança significativa. Mas ela se mostra irreduzível. Como Azalaïs de Mercoeur consente em perdoar o seu louco cavaleiro e trovador? Pons de Chapeuil recorreu à Madame Maria de Ventadour, à condessa de Montferrato e à viscondessa de Aubusson. Madame Alazaïs de Mercoeur perdoou o trovador apenas “per amor de las dompnas”, ou seja, em consideração às suas amigas.

O QUE A POESIA DAS MULHERES AFIRMA?

O fato de os biógrafos do cancionero occitano cuja identificação é conhecida – Michel de la Tour e Ugo de Saint Circ – serem homens pode apontar para uma suspeita de cumplicidade urdida “de fora”, ou seja, como uma percepção dos homens em relação à sociabilidade literária das poetas. Mas é preciso ter cautela diante essa suspeita, porque a principal fonte das *vidas e razos* é a poesia dos trovadores e das trovadoras. Portanto, os biógrafos registraram a cumplicidade a partir do que leram na poesia. O que a poesia sugere e que deu ensejo aos biógrafos de inscreverem a intimidade entre as mulheres como o fizeram?

Há diversas pistas espalhadas pelo cancionero occitano feminino:

Trobairitz	Excertos poéticos	
	Occitano	Francês
Condessa de Dia	Dompna que en bon pretz s’enten deu ben pausar s’entendenssa en un pro cavallier valen pois qu’il conois sa valenssa, que l’aus amar a presenssa ³²	Dame qui s’entend en mérite devrait bien savoir s’accorder à quelque vaillant chevalier dont elle a perçu le courage, et oser l’aimer devant tous! ³³
Azalaïs de Porcairages	Dompna met mot mal s’amor que ab ric ome plaideia ab plus aut de vavassor; e s’il o fai, il folleia, car so diz om en Veillai que ges per ricor non vrai, e dompna que n’es chاوزida	Elle place mal son amour la dame que débat avec un homme riche dont le rang est mieux que vassal. C’est folie qu’agir de la sorte; Et les gens du Velay diront qu’amour et argent ne s’accordent.

31 Idem, p. 314 e 315.

32 BOGIN, Meg. *Les femmes troubadours suivi de poèmes traduits de la langue d’oc par Jeanne Faure-Cousin*. Paris: Editions Denoël/Gonthier, 1978. p. 106.

33 Idem, p. 107.

	em tenc per envilanida ³⁴ .	Celle qui l'argent choisit ils l'accusent de vilenie! ³⁵
Maria de Ventadorn	e respon vos de la dompna breumen que per son drut deu far comunalmen cum el per lieis, ses garda de ricor: qu'em dos amics non deu aver maior. 36 (fragmento de Gui d'Ussel)	Je vous répons donc que la dame doit, envers son amant, agir exactement comme il agit pour elle, sans regarder au rang. Car entre deux amis, faut-il que l'un l'emporte? ³⁷
Alamanda	(...) que.m conseillatz? (...) Ieu que.m tem fort d'est ira que.m confonda – vos me lauzatz ... (...) Bella, per Dieu, si de lai n'etz crezuda, per me l'o affiatz! Ben o farai, mas, quan vos er renduda S'amors, non la.us toillatz. ³⁸ (fragmentos de Giraut de Bornelh e dístico final da trobairitz)	(...) Que me conseillez-vous? (...) A moi qui crains si fort que l'ire me confonde vous me donnez conseil ... O belle de par Dieu, si en vous elle croit, faites-lui promesse pour moi! Ainsi ferai-je. Mais quand son amour elle vous aura rendu n'allez pas reprendre le vôtre! ³⁹
Alais, Iselda e Carenza	Na Carenza al bel cors avinen, donatz conseil a nos doas serors, e car sabetz meils triar lo meillors, conseillatz mi segon vostr'escien: ⁴⁰	Madame Carenza au beau corps avenant Donnez conseil aux deux soeurs que nous sommes, Et puisque vous savez mieux choisir le meilleur conseillez-moi selon votre expérience: ⁴¹
Anônima II	Bona domna, tan vos ai fin coratge non puesc mudar no.us cosselh vostre be: (...) Bonis la fin, donzela, ab que s'atenda; e vos siatz garda entre nos dos, e que.us tengatz ab aquel que.l tort prenda. ⁴²	Bonne dame, j'ai pour vous un tel attachement que je ne peux m'empêcher de vous donner conseil: (...) Cela finira bien! Demoiselle, s'il s'applique. Soyez de garde entre nous deux.

34 Idem, p. 118.

35 Idem, p. 119.

36 Idem, p. 122.

37 Idem, p. 123.

38 Idem, p. 126 e 130.

39 Idem, p. 127 e 131.

40 Idem, p. 168.

41 Idem, p. 169.

42 Idem, p. 176 e 178.

		Restez près de celui à qui l'on fait du tort. ⁴³
--	--	---

É nítido o tom de conselho em vários poemas: nos excertos da Condessa de Dia e de Azalaïs de Porcairages, o conselho às damas em geral; em Maria de Ventadorn, transcrevi a opinião de Gui d'Ussel, mas que obviamente vai ao encontro do que a trovadora acredita, pois ela parece chamar o cavaleiro para voltar ao canto e para confirmar a sua opinião junto ao amado; em Alamanda, sobressai a reivindicação de conselho e de intermediação feita pelo trovador Giraut de Bornelh, mas também a autoridade da dama que aconselha, no caso, a trobairitz; no trio Alais, Iselda e Carenza, a cantiga começa com a solicitação fundada na experiência da Dama Carenza, as poetas interlocutoras – Alais e Iselkda – recorrem à Carenza no poema, a questão é o casamento: deve uma mulher manter-se solteira ou casar-se. Os fragmentos reputam as declarações das poetas sobre outras mulheres e sobre os homens. É bastante compreensível, portanto, que o biógrafo da trobairitz Tibors tenha valorizado o fato de que ela foi sábia, amada, honrada pelos homens da região e “por todas as nobres damas, muito disputada e obedecida”. A qualidade destacada pelo biógrafo é um traço que se entrevê na poesia de outras poetas; em outras palavras, o traço de individualização que, entretanto, é compartilhado pelos membros do grupo. Uma hipótese a ser aventada é a de se seria a poesia o elemento que reputa a fala das mulheres na sociabilidade literária que o cancionero descortina. É por serem poetas que têm autoridade sobre os homens que erram, que se equivocam e que precisam de intermediação, ou sobre as mulheres que têm dúvidas e também desejam se beneficiar do conselho? Se essa hipótese for plausível, ela divisa um lugar elevado para a própria poesia.

Na tensó identificada em “Anônima II” se encena o debate entre uma jovem solteira e uma dama casada. E é a dama solteira que aconselha. O motivo do debate é novamente um homem que age mal – que tem um coração louco, que se vangloria, que não é sério e que parece não querer se desculpar... A tensó nos remete ao debate entre Iseut de Chapieu e Almois de Châteauneuf e à cumplicidade poética entre mulheres que “disputam” sobre as maneiras de agir dos homens e sobre o que a mulher que eles amam deve e pode aceitar. Portanto, trata-se de uma tensó que revela cumplicidade, firmada na confiança da situação, no conselho e que ainda reputa a palavra de uma mulher como garantia da boa conduta de um homem. Ou seja, não são os homens que podem conferir garantia sobre seus modos diretamente, eles precisam que uma outra dama ofereça à sua amada a garantia de que agirão bem. Parece que só a garantia de uma mulher importa à outra.

43 Idem, p. 177 e 179.

Além desses excertos que certamente iluminaram os biógrafos na tessitura da cumplicidade entre as mulheres também nas *vidas* e *razos*, há uma tensó em que debatem a trobairitz Isabella e o trovador Elais Cairel que merece ainda uma consideração, pelo que sugeri na leitura da *razo* da cantiga “Atressi com l’orifanz”, de Ricardo Berbezieux. Na primeira resposta do trovador, de por que ele teria mudado seu comportamento em relação à amada, ele afirma:

Occitano	Francês
Ma domn’ Isabella, valor joi et pretz e sem e saber soliatz quec jorn mantener, e s’ieu em dizia lauzor em mon chantar, no.l dis per drudaria, mas per honor e pro qu’ieu n’atendia, si com joglars fai de domna prezan; mas chascun jorn m’etz anada cambian. ⁴⁴	Ma Dame Isabella, de dignité, de joie, de prix, de sens et de sagesse vous avez fait montre sans cesse; Mais si j’ai chanté vos louanges cela ne fut point par amour mais pour le profit et l’honneur que je pouvais en attendre, comme à vanter leur dame tous autres troubadours. Or vous n’avez cesse de changer, chaque jour... ⁴⁵

No caso dessa estrofe de resposta, o trovador não tem qualquer pudor de reconhecer que o seu canto não foi motivado pelo amor, mas pelo interesse de obter honra e proveito. Para “agravar” a revelação, o trovador pontua que essa conduta não é uma conduta individual, mas de outros jograis. Jeanne Faure-Cousin traduz “joglars” por “troubadours”, o que nem sempre é coincidente. Na resposta de Isabella, ela desdiz essa generalização, afirmando que jamais viu conduta semelhante entre os apaixonados. Mas, na verdade, os personagens falam de agentes diferentes: ele, dos jograis; ela dos apaixonados... Ora, nem sempre também são coincidentes.

O desejo de honra e proveito pode ajudar a entender a conduta de Ricardo Berbezieux na *razo* traduzida mais acima. Ou seja, os interesses apontados na tensó entre Isabella e Elias Cairel abrem brecha a se pensar nas redes de proteção e nas expectativas que uniam senhores e poetas que se entendiam – verbo comum entre as *vidas* e *razos* – nas cortes de um largo perímetro, da Península Ibérica à Península Itálica.

Mas talvez a cumplicidade mais surpreendente do cancionero occitano seja mesmo um caso único e que só tem lugar na poesia. Nenhuma *vida* ou *razo* faz referência à poeta Bieiris de Romans. Dela só se conhece uma cantiga, ou seja, o gênero mais elevado da poesia occitana, realizada segundo os preceitos do *fin’amor* e consagrada a uma mulher:

44 Idem, p. 134.

45 Idem, p. 135.

Occitano	Português ⁴⁶
<p><i>Na Bieiris de Roman</i></p> <p>Na Maria, pretz e fina valors, e.l joi e.l sen e la fina beutatz, e l'aculhir e.l pretz e las onors, e.l gent parlar e l'avinen solatz, e la dous car' e la gaja cuendansa, e.l dous esgart e l'amoros semblan que son en vos, don non avetz engansa me fan traire vas vos ses cor truan.</p> <p>Per que vos prec, si.us platz, que fin' amors</p> <p>e gausiment e dous umilitatz me posca far ab vos tan de socors, que mi donetz, bella domna, si.us platz, so don plus ai d'aver joi e' speransa, e car en vos ai mon cor e mon talan e per vos ai tot so qu'ai d'alegransa e per vos vauc mantas vetz sospiran.</p> <p>E car beutatz e valor vos enansa, sobra totas qu'una no.us es denan, vos prec, si.us platz, per so que.us es onransa que non ametz entendidor truan.</p> <p>Bella domna cui pretz e joi enansa e gen parlar, a vos mas coblas man, car en vos es gajess' e alegranssa e tot lo ben qu'om en domna deman.</p>	<p><i>Na Bieiris de Roman</i></p> <p>Minha Dama, mérito e perfeito valor, A alegria, o espírito e a pura beleza, O acolhimento, a distinção e o pendor, O gentil falar e a graciosa conversa, O rosto doce e a alegre gentileza, O olhar terno e o amoroso semblante, Que estão em ti, em que não há a menor baixeza, Me conduzem a ti, com o coração constante.</p> <p>Por isso a ti peço, por favor, que o verdadeiro amor</p> <p>O deleite e a doce indulgência Possam encontrar junto a ti socorro, Que me dê, bela dama, por favor, O que mais me dará alegria e esperança, Pois em ti tenho meu coração e a minha vontade E em ti tudo o que dá pujança Por ti muitas vezes suspiro de saudade.</p> <p>Porque em ti se elevam a beleza e o valor Sobre todas, que nenhuma lhe ultrapassa, Peço-te, por favor, pelo que és superior, Que não admita distrair-se com canalhas.</p> <p>Bela dama, em que se elevam mérito e alegria E o gentil falar, a ti envio minhas estrofes, Pois o prazer e a alegria em ti viviam E todo o bem que se pode esperar de uma mulher.</p>

Na primeira estrofe, elementos de individualização: de caráter cortesão e coletivo – acolhimento, conversação –, e de caráter mais pessoal – pura beleza, rosto doce. De certa forma, o segmento ilustra a duplicidade da configuração da identidade do personagem (para Paul Ricoeur), ou do indivíduo (para Aron Gourevitch) na Idade Média. Mas entre a primeira estrofe e a demanda, há o elemento essencial da poética trovadoresca: a reivindicação do *fin'amor*, em um só verso. O amor move a poesia. A estrofe subsequente à reivindicação consigna a graça que se pretende alcançar, que

⁴⁶ Tradução de minha lavra. Para D.

está provida da materialidade do desejo. Com isso, o eu poético se comporta como Gui d'Ussel reconhece e posteriormente Dante proporia (na *Vida Nova*): não há diferença entre homens e mulheres quando a questão que se interpõe é o amor. A dama Maria reúne todas as qualidades para inspirar o canto, que é enviado com o interesse de mover o seu coração. Nesta cantiga única, a cumplicidade se encontra com o amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Vidas e razos são apresentação biográfica de trovadores e explicação de sua poesia. Não sabemos quais critérios guiaram comitentes e biógrafos na concepção desses textos em prosa no cancionero occitano. Sabemos que os cancioneros reúnem seleções e que, no conjunto dessas escolhas, as mulheres que se consagraram ao fazer poético tiveram a sua poesia, biografias e explicações de poemas também reunidas e preservadas. Comitentes e biógrafos consideraram importante salvar do esquecimento o trobar e a existência delas. Foram oito as trobairitz biografadas na vintena de manuscritos que reúnem os textos em prosa. Quando se discutem os traços de individualização que compõem a identidade do personagem desses textos, quer tenham sido homens, quer tenham sido mulheres, o biógrafo dispõe de características reconhecíveis nos grupos de onde singulariza uma “persona”⁴⁷. As características físicas, psicológicas, os gêneros do trobar, os vínculos de natura, a linhagem, o enredo e o fragmento poético (quando ele é evocado na prosa), elementos inscritos nas narrativas, são o resultado de uma mediação entre o grupo e o indivíduo, com o qual ele ou ela partilham determinados traços e são singularizados por outros, ainda que previsíveis no universo do qual ele ou ela fazem parte. Indivíduo se afirma no texto entre partilha e singularidade.

Quando nos voltamos às *vidas e razos* do cancionero das mulheres, o tema do erro dos homens está em muitas *razos*; na maior parte das vezes, ele é inconstante. E, nessa situação, sobressai uma relação que vai da intimidade à cumplicidade entre mulheres: confiança, debate, respeito, defesa contra a leviandade deles, acolhimento à palavra dada pela mulher, o perdão pela mediação da amizade... Como o biógrafo chegou a esses elementos? Porque a poesia das mulheres apontou-os, foi na poesia delas que os biógrafos descobriram que os homens não dão garantia sobre seus modos diretamente, eles precisam que uma outra dama ofereça à sua amada a certeza de que agirão certo no futuro. Esse certo se identifica com os modos cortesês de amar. Mas parece que só a garantia de uma mulher de fato importava à outra. A poesia guiou para o amor, instruiu os biógrafos e propôs a mais

⁴⁷ A categoria de pessoa comparece às *vidas e razos*.

espetacular (e surpreendente) síntese no caso único em que, entre duas mulheres, a cumplicidade se encontrou com o *fin'amor*.

Vidas e razos sugerem que as mulheres se protegeram da inconstância dos homens, sugerem que elas se ajudaram, que elas disputaram a atenção umas das outras, que elas buscaram liberdade para amar, sem senhorio de quem quer que fosse, que elas se reconheceram como poetas em diálogo sobre temas que lhes eram caros... Então, mesmo levando em conta que são os homens que afinal conceberam os textos biográficos e de explicação, eles se reportaram à poesia das trobairitz e reconheceram nelas o que está lá de fato: que elas se procuram, não se isolam umas das outras, que elas disputaram a atenção uma da outra, que muito raramente disputaram um mesmo homem, que se respeitaram e reivindicaram esse dever tão importante nas cortes feudais: o dever de conselho. Esses elementos de sociabilidade poética podem agregar sutileza e outros vieses de compreensão ao pensamento sobre sociabilidades do mundo empírico e histórico das cortes do sul da França.